

Força dos bairros

Campo Limpo

Boa vontade reduziu analfabetismo

Fundada em 1979, a Associação Comunitária Monte Azul fez baixar o índice de analfabetismo na Favela Monte Azul de mais de 60% para 5%. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrou que o trabalho da entidade também ajudou a reduzir a violência. Por Mariana Pinto

Imagine uma favela onde o índice de violência é baixíssimo e o analfabetismo só atinge 5% dos mais de 2 mil moradores. Essa é a realidade da Favela Monte Azul, no Campo Limpo, Zona Sul, graças à boa vontade dos moradores e à ajuda de entidades como a Associação Comunitária Monte Azul, que completou 25 anos neste ano.

Em 1975, a professora alemã Ute Craemer chegou ao bairro e passou aos moradores uma lição inesquecível: se eles se organizassem, as suas condições de vida seriam bem melhores. No ano seguinte, a professora iniciou um trabalho com as crianças da comunidade que batiam à sua porta. Chamavam-se para brincar no seu quintal.

Quatro anos depois, era construída a primeira sede da Associação Monte Azul. Hoje, ela atende jovens carentes em três núcleos: nas favelas Monte Azul e Peinha, ambas no Jardim Santo Antônio, e próximo à Represa Guarapiranga, todas na Zona Sul.

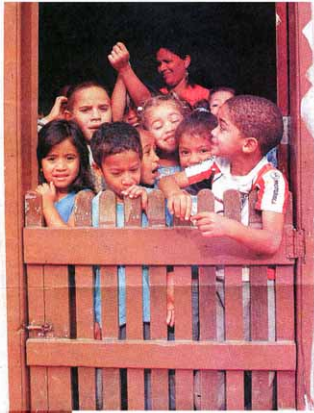
Desde a década de 1970, a lição de Ute de que a organização dos moradores traria resultados positivos tem sido posta em prática. A maioria das 18 mil pessoas carentes que vivem nas três favelas atendidas pela associação construiu suas casas em esquema de mútuo. A experiência também foi usada para, em 1979, erguer uma escolhinha para crianças e jovens e um ambulatório na Favela Monte Azul – ambas foram as primeiras instalações do núcleo Monte Azul. Hoje, a escolhinha dá atendimento desde o berçário à complementação escolar. Aproximadamente

200 pessoas, entre estrangeiros e brasileiros, participam como voluntários dos projetos da associação.

O berçário é responsável pela tutela de bebês de 4 a 18 meses; crianças de um ano e meio a 3 frequentam mini-grupos de atendimento. A partir dos 3 anos elas são atendidas na creche. Todas recebem alimentação e assistência médica. Depois dos 6 anos, frequentam a pré-escola, onde recebem alimentação e assistências médica, odontológica, psicológica e pedagógica.

"Educação não é só aprender a ler e a escrever. Cada criança, seja pobre, seja rica, é um ser humano. É no fundo quer a mesma coisa: uma vida digna", diz Ute. Crianças de 7 a 14 anos são atendidas em um programa chamado Espaço Gente Jovem. Lá elas recebem atividades complementares à da escola como teatro, pintura, música, trabalhos manuais, reforço escolar, etc. Os adolescentes de 15 a 18 anos são encaminhados para as Oficinas de Iniciação ao Trabalho. Hoje, 211 jovens vão a essas oficinas e 1.140 crianças frequentam berçários, creches, jardins de infância e pré-escolas. Mais de 4 mil pessoas são atendidas por mês nos ambulatórios.

O trabalho tem dado certo. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrou que o bairro registrou, nos últimos anos, queda nos índices de analfabetismo (de mais de 60% para 5%) e violência. "O problema da violência só é resolvido se você cria um laço de valores. Sentimentos de gratidão e respeito são aprendidos desde cedo."



A alemã Ute Craemer e seu sonho concretizado: proporcionar uma vida digna para as crianças da Favela Monte Azul